

Empreendedorismo Social: Proposta de um Modelo de Elaboração de Projeto Social

Danielly Priscila Serpa da Silva
dannyserpa@hotmail.com
FACESM

Flavio Cesar Pereira Scofano
flaviocscofano@gmail.com
FACESM

Milene Karine da Silva
miih92@hotmail.com
FACESM

Rosiene Passos Toledo
rosiene-toledo@bol.com.br
FACESM

Ronaldo Sales Abranches
dir.inppex@facesm.br
FACESM

Resumo: O Artigo aborda questões do Empreendedorismo, apresentando conceitos e definições, perfil e comportamento do Empreendedor, o surgimento do Empreendedorismo Social apontando-o como uma nova conceituação que utiliza as ferramentas gerenciais associadas à escola do Empreendedorismo. É apresentada a característica própria de ambos (Empreendedorismo e Empreendedorismo Social), suas distinções e seus comportamentos, mostrando à que cada contexto se direciona, a importância para o desenvolvimento e benefícios trazidos à sociedade. Há uma breve reflexão trazendo alguns dos problemas sociais que envolvem a sociedade, como a violência, pobreza, desigualdade de distribuição de renda, o desemprego e as questões que estes são envolvidos também no mercado de trabalho. É também apresentados conceitos e definições sobre Projetos, os Projetos Sociais, alguns modelos estruturais elaborados por alguns autores. E por fim a proposta de um Projeto Social.

Palavras Chave: Empreendedorismo - Empreendedorismo Soc - Projetos Sociais - -

1. INTRODUÇÃO

O Empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil, principalmente a partir da década de 90 e hoje ser um empreendedor é quase um imperativo, pois por trás de novas idéias que vem revolucionando a sociedade, há sempre um visionário, que com seu talento, somado à análise, planejamento e capacidade de implementação, é responsável por empreendimentos de sucesso.

Contudo, o conceito de empreendedor não se limita à expressão “pequeno empresário” utilizada no dia a dia. O conceito embutido nessa palavra tem uma amplitude maior do que os negócios em si e está transcendendo o campo meramente econômico para outras áreas.

Dentro de um contexto social, onde o Estado é encarregado de cumprir com funções públicas essenciais e indelegáveis, onde quase sempre não consegue suprir as necessidades básicas, surge um setor, denominado Terceiros Setores que congrega as organizações que prestam serviços públicos, produz e comercializa bens e serviços, mas não são estatais e não visam o lucro. Encabeçando o Terceiro Setor, vem os Empreendedores Sociais, movidos pela paixão e busca de novos paradigmas, objetivando não o negócio do negócio, mas o negócio do social, que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação e sustentáculo, mediante o estabelecimento de parcerias e alianças Inter setoriais envolvendo a comunidade, governo e setor privado.

Devido a essa preocupação tanto as empresas filantrópicas ou privadas tem procurado realizar Projetos Sociais. Neste trabalho tratamos de Elaborar um Modelo de Projeto Social, definindo a estrutura a ser utilizado com o propósito de facilitar o planejamento e a execução do Projeto.

Este trabalho tem como objetivo caracterizar o empreendedorismo Social, e apresentar uma resposta de modelo para Elaboração de Projetos Sociais.

2. METODOLOGIA

Para a construção desse artigo foram realizadas pesquisas bibliográficas qualitativas, utilizando obras literárias, artigos, internet e revistas científicas.

Conforme Gil (2000, p.63) pesquisa bibliográfica “é aquela em que os dados são obtidos de fontes bibliográficas, ou seja, de material elaborado com a finalidade explícita de ser lido”. As pesquisas bibliográficas referem-se a uma modalidade específica de documentos, que são as obras escritas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas, como livros, jornais, revistas e periódicos. Vergara salienta que (2000, p. 47) em seus estudos, “a investigação explicativa tem como principal objetivo tornar algo inteligível justificar lhe os motivos”.

3. PROBLEMAS SOCIAIS BRASILEIROS

O Brasil é um país de contrastes que convive com uma série de problemas sociais.

3.1 A RAIZ DOS PROBLEMAS BRASILEIROS

Segundo Dutra (2006) os problemas brasileiros têm como causas fundamentais duas grandes raízes, que se combatidas poderão ser gradativamente resolvidos, essa raízes são:

Excesso de “libertinagem e expressão” na TV – é muito importante porque em qualquer sociedade, é o comportamento que determina a qualidade de vida que a nação terá. A parte mais influente no comportamento humano é a educação que recebe, seja dos pais, seja do ambiente que vive, seja da escola. Portanto a conduta humana (atualmente fortemente influenciada pelos veículos de comunicação) é a principal responsável pelos resultados sociais e econômicos de uma nação.

Falta de transparência na gestão pública e nos impostos – a política de impostos embutidos (“invisíveis”) impede que o cidadão comum conheça o verdadeiro contribuinte do sistema tributário brasileiro. “O dia que o cidadão comum descobrir como funciona de fato o

recolhimento de impostos no Brasil, vai perceber então que o próprio sistema é o causador da maioria dos problemas brasileiros, pois o dia que os cidadãos perceberem que são eles os verdadeiros contribuintes de todos os impostos, certamente vai arregaçar as mangas e ajudar a corrigir os inúmeros absurdos da nossa sociedade. Se o governo der um pouco mais de transparência à questão dos tributos (desembutindo os impostos invisíveis, para que os cidadãos comuns possam vê-lo), o povo perceberá a realidade em que vive.” (Dutra, 2002)

3.2 DESIGUALDADE DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E POBREZA

Conforme Reali (apud Melo Neto e Froes, 1999) é importante lembrar que o problema de pobreza surge à violência, gangues de rua, fazendo vítimas inocentes, que abrange pobres, detentos, mulheres, crianças, idosos, imigrantes e negros.

3.3 CAUSAS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

Segundo Dutra (2002) nos últimos anos a sociedade brasileira entrou no grupo de sociedades mais violentas do mundo. O país tem altíssimos índices de violência urbana como assaltos, sequestros, extermínio; violência doméstica praticada no próprio lar; violência familiar e contra a mulher, que, em geral, é praticada pelo marido, namorado, ex-companheiro, etc.

A violência não é uma ação, na verdade, a violência é uma reação. O ser humano não comete violência sem motivo. Apesar de que algumas violências recaem sobre pessoas erradas, ou seja, pessoas que não cometeram as ações que estimularam a violência. “... No entanto, as ações erradas existiram e alguém as cometeu, caso contrário não haveria violência.” (Dutra 2002).

No Brasil a principal “ação errada”, que antecede a violência é o desrespeito, sendo ele conseqüente das injustiças e afrontamentos, o desrespeito, produz desejos de vingança que se transformam em violências. Nas grandes metrópoles, onde as injustiças e os afrontamentos são muito comuns, os desejos de vingança se materializam sob forma de roubos e assaltos ou sob a forma de agressões e homicídios, quando um cidadão agride ou mata o outro, o faz em função de alguma situação que considerou desrespeitosa, mesmo que a questão inicial tenha sido banal.

“Sabendo”-se que o desrespeito é o principal causador de violência, podemos então combater a violência diminuindo os diferentes tipos de desrespeito: seja o desrespeito econômico, o desrespeito social, o desrespeito conjugal, o desrespeito familiar e o desrespeito entre as pessoas (a “má educação”). Em termos pessoais a melhor forma de combater a violência é agir com o Máximo de respeito diante de toda e qualquer situação. Em termos governamentais. As autoridades precisam estimular relacionamentos mais justos, menos vulgares e mais reverentes na nossa sociedade, diminuindo as explorações econômicas e podar o excesso de “liberdades” principalmente na TV e no sistema educativo do país.

3.4 MERCADO DE EMPREGO

Para Vieira (apud Grayson, Hodges, 2003) o mercado é dividido entre formal e informal, o que estimula o crescimento econômico e gera empregos, possibilitando a erradicação da pobreza. O setor informal é caracterizado por não ser submetido à fiscalização, oferece condições de trabalhos para quem não consegue entrar no mercado formal, o problema é que o setor informal não oferece condições de saúde, aposentadoria e outros direitos trabalhistas. Outro grande problema é o trabalho infantil, a maioria delas trabalha para o sustento da família. Com isso as crianças acabam entrando no mercado do sexo, é preciso que as organizações que atuam em comunidades implantem uma boa prática, estendendo a empresas que ainda abusam do trabalho infantil.

4. EMPREENDEDORISMO

Segundo Dolabela (1999) o empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive. Se uma pessoa está em um ambiente em que ser empreendedor é visto como algo positivo, terá motivação para se tornar um empreendedor. Contudo, não se deve considerar empreendedor uma pessoa que, por exemplo, adquira uma empresa e não introduza nenhuma inovação.

4.1 COMPORTAMENTOS EMPREENDEDORES

Timmons (1994) e Hornaday (1982) apresentam as principais características do Comportamento empreendedor, segundo Dolabela (1999):

- O empreendedor tem um “modelo”, uma pessoa que o influencia.
- Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização.
- Tem perseverança e tenacidade.
- O empreendedor aprende com os resultados negativos. Considera o fracasso um resultado como outro qualquer.
- Tem grande energia. É um trabalhador incansável, dedicando-se intensamente ao trabalho e concentrando esforços para alcançar resultados.
- Sabe fixar metas e alcançá-las. Luta contra padrões impostos. Diferencia-se.
- Descobre nichos no mercado.
- Tem forte intuição.
- Crê no que faz. Tem alto comprometimento.
- Sabe buscar, utilizar e controlar recursos.
- É um sonhador realista.
- É líder.
- É orientado para resultados, para o futuro em longo prazo.
- Tece “rede de relações”, que são utilizadas para alcançar seus objetivos.
- Assume riscos moderados.

É possível não encontrar um empreendedor que apresente todos os traços apontados.

5. EMPREENDEDORISMO SOCIAL

5.1 A EVOLUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL

O histórico do empreendedorismo social praticamente se confunde ao do empreendedorismo propriamente dito, porém pode-se diferenciá-lo, mormente na origem da palavra “caridade” de origem latina, caritas, significando amor ao próximo, beneficência e da palavra “filantropia” de origem grega, significando boa vontade para com as pessoas.

Porém Agostini (apud Hudson 1999) afirma que, [...] “Entretanto com o crescimento das primeiras vilas e cidades e o movimento das pessoas para longe de suas famílias, novas formas de auxílio social eram necessárias”. As primeiras civilizações egípcias desenvolveram um severo código moral com base na justiça social.

Esse código encorajou as pessoas a ajudar os outros em suas necessidades – por exemplo, ao transportar um pobre para o outro lado do rio sem cobrar. “O próprio faraó contribui ao dar abrigo, pão e roupas para os pobres quase 5.000 anos atrás.”

A caridade esteve sempre relacionada com as organizações religiosas. Os judeus promoviam a idéia de que os pobres tinham direitos e os ricos deveres, já no mundo islâmico a filantropia foi usada para montar grandes hospitais. Mas foi por volta de 1869 que surgiram as grandes inovações do bem estarem humano, que se tornaram depois organizações do terceiro setor, sendo uma forma aceita de trabalho, isto é, disciplinou as necessidades das pessoas em uma abordagem estratégica, cujos objetivos eram:

- “evitar a distribuição indiscriminada de auxílio”;

- promover cuidadosa investigação nos casos individuais;
- descobrir as causas do sofrimento das pessoas;
- remover essas causas;
- coordenar atividades de caridade para evitar excesso de ajuda para determinado indivíduo..

5.2 DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

A palavra “empreendedor” substitui a expressão “pequena empresário” na linguagem do dia-a-dia, sendo ostentada com orgulho pelas pessoas que estão à frente, ou iniciaram um pequeno negócio. Contudo, o conceito embutido nessa palavra vai além do negócio em si, abrangendo várias áreas, entre elas a área social, onde o foco passa a ser o desenvolvimento da comunidade.

David (apud SILVA, 2003) “ao longo das últimas décadas, as denominadas organizações sem fins lucrativos recorrentemente têm se utilizado das ferramentas gerenciais associadas à escola do empreendedorismo, o que possibilitou a emergência de uma nova conceituação nesta área de conhecimento: o empreendedorismo social”.

O tema empreendedorismo social é novo, mas sua essência já existe há muito tempo. Os novos focos e abordagens refletem a busca incessante da humanidade por soluções para seus grandes dilemas, como a fome, a concentração de riquezas, a má distribuição de renda, a exclusão social, os índices altíssimos de mortalidade infantil nos países em desenvolvimento, o esgotamento dos recursos naturais. Foi no início dos anos 80 que o ato de empreender, até então relacionado às atividades empresariais, também sofreu transformações, adquirindo contornos sociais.

O surgimento do empreendedorismo social é fortemente influenciado pelo empreendedorismo empresarial, mas apresenta características próprias.

5.3 O PERFIL DO EMPREENDEDOR SOCIAL

Os empreendedores sociais possuem características distintas dos empreendedores de negócios. Eles criam valores sociais através da inovação e força de recursos financeiros, em prol ao desenvolvimento social, econômico e comunitário.

Alguns dos fundamentos básicos do empreendedorismo social estão diretamente ligados ao empreendedor social, destacando-se a sinceridade, paixão pelo que faz clareza, confiança pessoal, valores centralizados, boa vontade de planejamento, sonhador e uma habilidade para o imprevisto.

Para David (apud Brinckerhoff 2000, p. 11) os empreendedores sociais, têm as seguintes características:

- Sempre dispostos a correr riscos razoáveis em favor das pessoas às quais a organização serve;
- Entendem a diferença entre necessitar e querer;
- Entendem que todos os recursos alocados são realmente investimentos administrados;
- Mensuram o retorno social e financeiro de cada um dos investimentos; e
- Sempre ter uma missão, mas sabem que sem dinheiro não há missão que se conclua.

Os empreendedores sociais são pessoas físicas que trazem inovação para o terceiro setor, mais conhecido pela atuação das ONGs. A criatividade e a imaginação dos empreendedores sociais não devem nada às dos empreendedores do setor privado, ao contrário são mais criativos e determinados, pois o risco é maior quando envolve vidas humanas.

O que difere o empreendedorismo social do empreendedorismo privado, segundo Neto e Froes (2002); são dois aspectos:

- 1) O empreendedorismo social não produz bens e serviços para vender, mas para solucionar problemas sociais, e 2) Não é direcionado para mercados, mas para segmentos populacionais em situação de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida).

O quadro abaixo destaca as diferenças entre os dois tipos de empreendedorismo.

Empreendedorismo Privado	Empreendedorismo Social
1 – é individual.	1- é coletivo
2- produz bens e serviços para o mercado.	2- produz bens e serviços para a comunidade.
3- tem foco no mercado	3- tem foco na busca de soluções para os problemas sociais.
4- sua medida de desempenho é o lucro	4- sua medida de desempenho é o impacto social.
5- visa satisfazer necessidades dos clientes e ampliar potencialidades do negócio	5- visa resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las.

Quadro 1 - Empreendedorismo Privado x Empreendedorismo Social
Fonte: Neto e Froes (2002, p.11).

As diferenças são evidentes. O empreendedorismo privado é de natureza individual, voltado à produção de bens e serviços para atender o mercado, buscando satisfazer as necessidades dos clientes e ampliar sus potencial de negócio, sua medida de desempenho é o lucro.O empreendedorismo social é coletivo, produzindo bens e serviços para a comunidade, envolvendo-os em um esforço comum de participação, integração e desenvolvimento.

5.4 DESENVOLVIMENTO DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Segundo Melo e Froes (2002) para que se desenvolva o Empreendedorismo Social deve haver pré-requisitos como segue na figura abaixo:

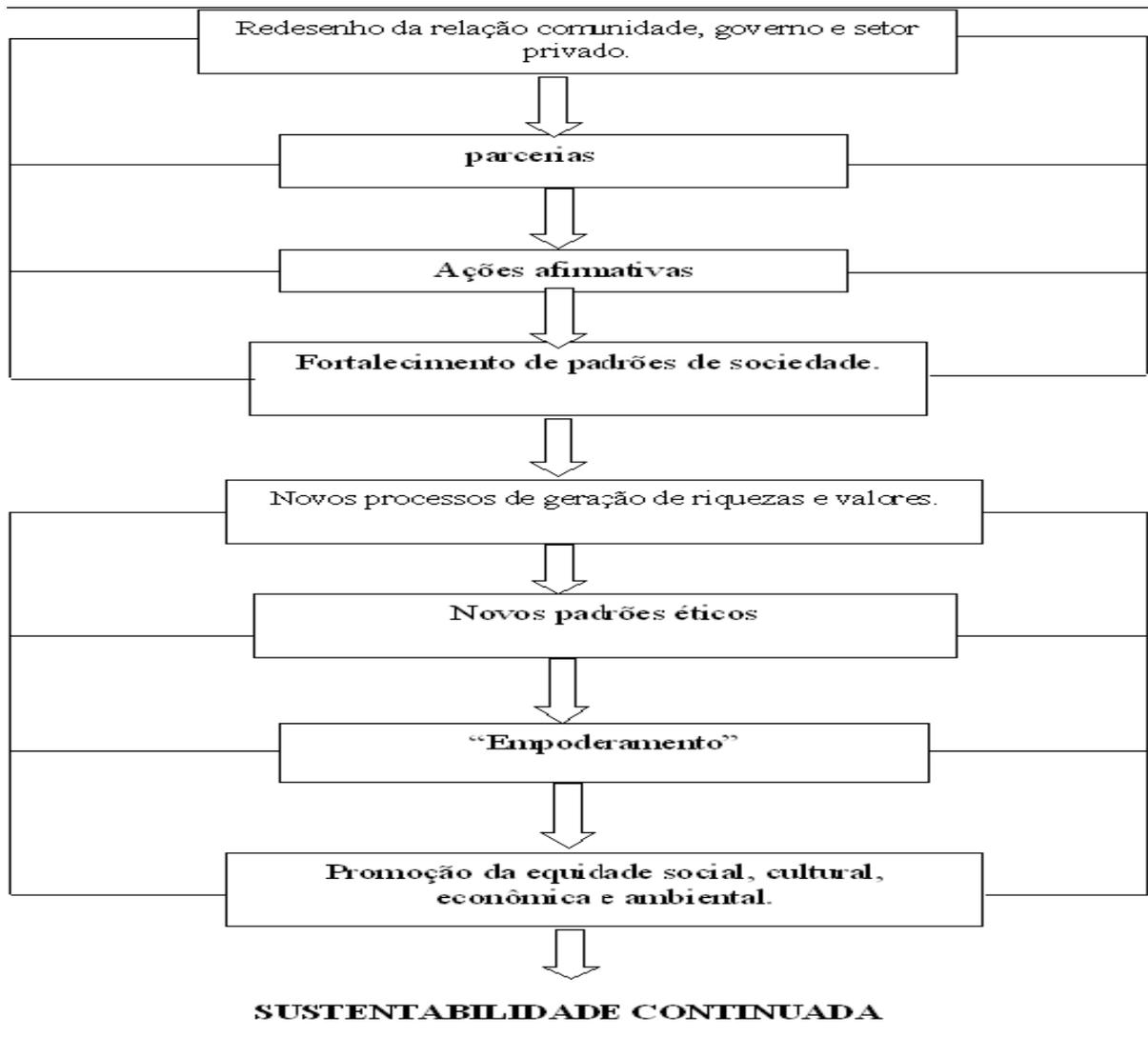


Figura 1 - Desenvolvimento do Empreendedorismo Social.
Fonte: Melo e Froes, (2002).

6. SUSTENTABILIDADE

A diminuição de recursos e a incapacidade dos governos de oferecer serviços sociais para a população, em geral de qualidade, fizeram com que houvesse uma maior quantidade de instituições, levando a otimização dos recursos disponíveis, e a busca de uma sustentabilidade não somente para os projetos sociais desenvolvidos, mas para as organizações como um todo. Este tema trazido para o universo do Terceiro Setor é utilizado para tratar da permanência e continuidade de longo prazo dos esforços realizados para atingir-se o desenvolvimento humano.

Para Agostini (apud Tancredi 2001) a “sustentabilidade é vista sob duas dimensões: a sustentabilidade financeira é condição importante para assegurar os recursos extraordinários com flexibilidade para o desenvolvimento de formas inovadoras de trabalho; e a sustentabilidade da motivação para as inovações, entendidas como a manutenção de um estado de permeabilidade para a incorporação de mudanças de atitudes e comportamentos por parte das pessoas e instituições”.

Agostini (2001) afirma que “na busca da sustentabilidade, muitas organizações no Brasil, tem buscado capacitar-se na elaboração de projetos de financiamento e de realização de ações permanentes ou campanhas para angariar contribuições financeiras de indivíduos ou empresas, porém é necessário que, além disso, essas organizações tenham uma política de captação de recursos apoiada na capacitação e otimização, tanto dos recursos materiais, monetários, quanto humanos.”.

Melo e Froes (2002) afirmam que existem duas precondições para o desenvolvimento da sustentabilidade: a capacidade natural de suporte (recursos naturais existentes) e a capacidade de sustentação (atividades sociais, políticas e econômicas geradas pela própria sociedade em seu próprio benefício).

7. PROJETOS

7.1 DEFINIÇÃO

Holanda (1968) diz que, do ponto de vista social, considera-se projeto o conjunto de informações, sistematicamente ordenados, que nos permite estimar os custos e benefícios sociais de um determinado investimento.

Para Holanda, projeto é uma combinação de princípios básicos de economia, engenharia, finanças e administração que facilita a resolução dos problemas práticos com que se defrontam empresários privados e instituições governamentais.

Projeto é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades inter-relacionadas, e coordenadas para alcançar objetivos específicos dentro de prazo e recursos limitados. (XAVIER, 2008)

Para Agostini (apud Prado 1998, p. 18) projeto é “um empreendimento único e não repetitivo, de duração determinada, formalmente organizada e que congrega e aplica recursos visando o cumprimento de objetivos pré-estabelecidos”.

A ONU – Organização das Nações Unidas define projeto como “um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades inter-relacionadas e coordenadas para alcançar objetivos específicos dentro dos limites de um orçamento e de um período de tempo dados”. (AGOSTINI apud Cohen & Franco, 1993, p. 85).

Como destaca Agostini (apud Woiler & Mathias 1996) as características básicas de um projeto são:

Sempre ter início e encerramento definidos;

Um plano organizado, isto é, uma abordagem metódica usada para que se atinjam os objetivos do produto;

Contar com recursos especialmente alocados a ele, como tempo, pessoal e verba;

Equipe capaz de levar a termo o trabalho proposto e;

Metas estabelecidas que busquem resultados em termos de qualidade e/ou de desempenho.

7.2 TIPOS DE PROJETOS

Segundo Holanda, os projetos se classificam da seguinte forma:

- Agrícolas e Pecuários
- Industriais
- Serviços: Básicos-usinas hidrelétricas, estradas, ferrovias, portos, água e esgoto, escolas, etc. Sociais: hospitais, habitações. Outros serviços: hotéis, entre outros.

Para Agostini (2001), considerando-se a origem dos projetos, eles podem ser classificados em dois grandes grupos: os projetos privados e os públicos. Os primeiros são, geralmente, de caráter econômico e surgem em resposta à demanda insatisfeita de um mercado amplo em crescimento ou a estímulos financeiros e fiscais criados pelo próprio governo em benefício direto de certas áreas preferenciais de investimento. Já os segundos, surgem como resultado de um programa de desenvolvimento nacional, regional ou setorial, cujo interesse é mais social e estratégico do que financeiro.

Estrutura	Mim Carlson	Peter C. Brinckerhoff
O desenvolvimento da ideia proposta	x	x
A demonstração das necessidades de maneira resumida, e onde faríamos perguntas como: a) Quem?, b) Onde?, c) Quando? e d) Porque?	x	
A definição clara das metas e objetivos, sendo que o autor coloca meta como algo abrangente que vai de encontro a um resultado, e objetivo como sendo algo mensurável, resultado em um tempo específico que a organização quer alcançar.	x	x
Desenvolver os métodos, isto é, determinar o modo como os resultados serão alcançados.	x	x
A avaliação dos componentes	x	
Desenvolver estratégias para recursos futuros	x	
O levantamento das receitas e despesas, como forma de propiciar ao seu futuro financiador uma visão.	x	x
Escrever a introdução da proposta, descrição do projeto, mostrando ao financiador que a organização é segura do ponto de vista fiscal, e tem boa gestão.	x	x
Escrever o sumário proposto, contendo itens como: a identificação do pretendente; a aptidão para conduzir este projeto; a pretensão específica; a antecipação do resultado final; a soma de dinheiro pretendido; e a receita total do projeto.	x	
Aglutinar os nove passos anteriores, e então escrever uma carta de apresentação do projeto ao financiador.	x	x
Negociar com os financiadores, o contato por telefone, um almoço com o financiador, e por fim uma carta de agradecimento.	x	
Faz-se uma descrição do mercado para seu produto ou serviço, deve-se fazer uma comparação de custos/preços das organizações concorrentes.		x
Deve-se elaborar um plano de marketing, pois se tem de saber o que o mercado quer e proporcionar isso a ele.		x
A elaboração de um plano financeiro, composto dos seguintes itens: lista dos equipamentos, origem e aplicação dos recursos, estimativa de preços, análise dos dados, resultados estimados	x	x

e receitas e despesas projetadas mensalmente no primeiro ano e trimestralmente nos segundos e terceiros anos, e notas explicativas de assuntos usados para cada demonstração.		
Apêndice, caso seja necessário, contendo o curriculum do presidente e gerentes da organização, contrato de um cliente, estimativa financeira completa e relatório anual de atividades sociais.		X

Quadro 2 – Estrutura de Mim Carlson x Estrutura de Peter C. Brinckerhoff

Fonte: elaborado pelos autores

8. PROPOSTA DE UM MODELO DE PROJETO SOCIAL

Com a finalidade de propor um modelo de Projeto Social, foi observado através da pesquisa bibliográfica os elementos contidas em algumas estruturas e projetos sociais, como segue abaixo:

1. Identificação do Projeto.

Neste item devem ser consideradas todas as informações para a identificação do Projeto, tais como:

Nome do Projeto:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

Coordenação:

2. Apresentação

Neste item deve haver uma explicação breve do que se trata o projeto.

3. Justificativa

Apontar a relevância social do projeto. Deve também conter a missão e visão do projeto.

4. Objetivos

Objetivo Geral: descrever de maneira abrangente o objetivo do Projeto.

Objetivo Específico: Descrever as estratégias para o alcance do Objetivo geral.

5. Metas.

Neste item deve haver todas as metas em que se pretende alcançar com o Projeto.

Nº de pessoas atendidas;

Perfil das Pessoas atendidas (mulheres, jovens...);

Perfil Geográfico (Local da ação: Estado, região, cidade, bairro, comunidade);

6. Metodologia.

Neste item cita-se:

Os principais procedimentos;

Descrever o “Como fazer” do Projeto;

Forma de atuação;

Integração do Público atendido;

Técnicas e Procedimentos a serem utilizados;

Ocorrer-se-á a participação da comunidade.

7. Sustentabilidade

Neste item deve conter os elementos que favorecem a continuidade do Projeto e seus resultados, ou seja, deve conter as Estratégias de Sustentabilidade.

8. Parcerias.

Descrição de parcerias potenciais.

9. Cronograma de ações.

Listam-se todas as atividades necessárias à realização do Projeto em seqüência cronológica, com a indicação do período planejado para a realização de cada atividade.

10. Equipe de Desenvolvimento e Coordenação do Projeto.

Descrever os componentes da Equipe que irá desenvolver o Projeto:

Nome

Função que irá exercer no Projeto

Formação Acadêmica

Horas semanais

11. Orçamento do Projeto.

Especificar todo tipo de custo do Projeto, considerando os custos com pessoal, aluguel, despesas com fontes de energia, serviços administrativos, serviços de terceiros, instalações, entre outros.

12. Marketing Social

Neste item devem ser colocados:

- Como será divulgado o Projeto Social;
- Mencionar o público alvo;
- informações mercadológicas (rede de parcerias, e financiadores).

13. Avaliação do Projeto.

Definir quais serão os tipos de avaliação utilizados, quem irá avaliar, quando e como irão ocorrer as avaliações, periodicidade, indicadores da avaliação (quantitativo qualitativo). Fazer gráficos indicadores do resultado de impacto.

14. Anexos

Fotos e afins relacionados com o Projeto, como indícios da ocorrência deste.

9. CONCLUSÃO

O Empreendedorismo como agente de mudanças gera transformações na vida social e econômica. Neste contexto surge o Empreendedorismo Social, no qual aqueles com perfil empreendedor lutam para mudar a ordem social e econômica da Sociedade.

E pode-se verificar que cresce a cada dia, o número de organizações sociais que realizam suas ações e obtêm recursos por meios de projetos. Por outro lado o nível de exigência quanto à qualidade da ação social hoje é maior.

Por isso torna-se fundamental conhecer formas de elaborar, gerenciar e avaliar projetos. O projeto deve gerar confiabilidade tanto para quem vai executá-lo, quanto de quem vai financia-lo. Neste contexto, a qualidade e estrutura do projeto passa á ser fator crítico de sucesso. O projeto deve conter as metas e resultados desejados e melhorias de condições de vida ao público alvo da ação. Daí a importância do projeto ser bem elaborado, estruturado e objetivo.

Neste trabalho tratamos de elaborar um modelo de elaboração do projeto, com toda estrutura e informações necessárias.

Pode-se notar que o Projeto Social é mais complexo do que se imagina. Não basta somente a vontade de ajudar e mudar a sociedade.

10. REFERÊNCIAS

AGOSTINI, João Paulo. “Critérios de Avaliação de Projetos Sociais” (tese de mestrado) UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-Florianópolis, 2001. pág 155.

DAVID, Denise Elizabeht Hey. “Intraempreendedorismo Social: perspectivas para

desenvolvimento social nas Organizações” (tese de doutorado), Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis 2004.

DOLABELA, Fernando. O Segredo de Luisa: Uma Idéia, uma Paixão e um Plano de Negócios Como Nasce o Empreendedor e se Cria uma Empresa. 14ª ed. São Paulo: Cultura, 1999.

DUTRA, Valvim. “Acorda Brasil”. Disponível em www.renascebrasil.com.br , acesso em 07 jul. 2011.

GIL. A. C. Técnicas de Pesquisa em Economia. São Paulo: Atlas, 2000

HOLANDA, Nilson. “Elaboração e avaliação de projetos” 1ª ed. São Paulo, Apec 1968. CAPÍTULO 3

MELO, Francisco ; Froes , César. “Empreendedorismo Social : a transição para a Sociedade sustentável”. 1ª ed. Rio de Janeiro, Qualitymark, 2002. 208 páginas.

VERGARA, S. C. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 3ª Edição; Ed. Atlas; São Paulo; 2000

VIEIRA, Renata de Martins Faria. “Elaboração de Projetos Sociais: Uma Aplicação”, tese de mestrado Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, fevereiro 2001. pág. 169p

XAVIER, Carlos Magno da Silva. Metodologia de Gerenciamento de Projetos no Terceiro Setor. Uma estratégia para a condução de projetos. Brasport. Rio de Janeiro. 2008.